



IJKEM
International Journal of Knowledge Engineering
and Management



POTENCIALIDADES DO USO DE SITES DE REDES SOCIAIS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Henrique Nou Schneider*

Adriana Alves Novaes Souza**

Resumo

O presente artigo discute a utilização das redes sociais online nas práticas de ensino presenciais, cuja proposta parte da pesquisa em curso de uma dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, intitulada “Redes sociais virtuais na educação: potencialidades e desafios da Facebook no processo de ensino e aprendizagem”. O recorte aqui apresentado discute a necessidade da escola estar conectada às vivências de seu alunado, aborda brevemente a configuração das redes sociais e as características a elas inerentes que promovem sua utilização nos espaços escolares, a partir das perspectivas de alguns pesquisadores que têm se debruçado sobre a questão. Analisam-se as possibilidades da rede social Facebook enquanto ferramenta de apoio, avaliação e consolidação da aprendizagem, bem como os desafios a vencer para uma consolidação efetiva a partir de projetos e propostas já desenvolvidos, especialmente quando se direciona o olhar segundo as perspectivas de acesso e infraestrutura dos espaços escolares.

Palavras-chave: Educação. Redes sociais. Facebook. Ensino e Aprendizagem.

* Doutor em Engenharia da Produção pela UFSC, Mestre em Ciência da Computação pela UNICAMP, Engenheiro Civil pela UFS. Professor da UFS nos cursos de graduação em Ciência da Computação e Sistema de Informação e nos mestrados em Educação e Computação. Professor do IFS no curso Desenvolvimento de Sistemas.

** Mestranda em Educação pela UFS, Especialista em Mídias na Educação (UFS), Graduada em Letras (UFS) e em Pedagogia (Universidade Norte do Paraná). Professora da Rede Pública Estadual de Sergipe. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Informática na Educação – GEPIED - UFS/Cnpq

1 INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade em constante movimento, graças às transformações promovidas pela humanidade na busca por respostas aos seus questionamentos e na satisfação de suas necessidades. Dessa forma, o homem modifica seu meio natural e também vão se modificando seus comportamentos, sua linguagens, estilos de vida, valores e costumes.

Tais modificações constituem as épocas, eras e períodos, cada um com suas especificidades que lhe conferem marcas; assim como evolui a civilização, a escola também passa por mudanças, pois, para época, novos processos são desenvolvidos no ambiente escolar, numa adaptação constante às diferentes condições da vida social e suas tendências (BRANDÃO, 1999). Nessa marcha, a educação sempre esteve no centro de discussões e propostas políticas que a enxergam como um campo propício para a disseminação de ideologias e promoção de mudanças sociais. Assim, educação e ensino têm se constituído como fenômenos de caráter histórico, variando “de acordo com a época, com o tipo de sociedade e até com o ambiente particular em que o indivíduo vive” (idem, p. 84).

Nesse sentido, é salutar refletir acerca do distanciamento que existe entre as práticas sociais realizadas por indivíduos de diversas partes do planeta e aquelas que se processam no ambiente escolar, porque, se a educação é considerada uma dimensão da sociedade da qual faz parte, espera-se que todos os avanços ocorridos e consolidados no âmbito social estejam também incorporados no ambiente escolar, a exemplo do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), principalmente no uso da conexão digital em rede (ciberespaço), que vêm promovendo grandes modificações nos perfis socioculturais dos indivíduos e que fizeram surgir conceitos como os de “sociedade da informação” (MACHLUP, 1962), “aldeia global” (MCLUHAN, 1972) “cibercultura” (LÉVY, 1999), “sociedade em rede” (CASTELLS, 1999), “cultura digital” (SANTAELLA, 2003), dentre outros.

Há poucos anos, menos que uma década, observa-se a vertiginosa expansão da Internet e sua evolução a partir de sua segunda geração, Web 2.0, que transformou os indivíduos, de meros consumidores de informação, a produtores de conteúdos e conhecimentos, em total interação e colaboração com seus pares. Ainda, possibilitou o surgimento de diversos *softwares* e ferramentas para trocas sociais interativas, como as redes sociais online, que têm possibilitado um enorme fluxo de comunicação instantânea entre pessoas das mais diversas nacionalidades, numa total convergência de tempo e espaço e fazendo da internet, nas palavras de Kerckhove (2008), a chave para o desenvolvimento dos povos.

As redes sociais online ganharam destaque graças à grande variedade dos chamados sites de redes sociais, tais como *Orkut, Flickr, Twitter, MySpace, Facebook*, dentre outros, cujas características pretendem atender a perfis e contextos dos mais diversos usuários. Atualmente, conforme pesquisa IBOPE, tem crescido vertiginosamente a utilização da internet por parte de adolescentes e adultos jovens, os quais dedicam mais de 60 horas por mês à prática, principalmente nas redes sociais, com mais de 87% de usuários ativos (IBOPE *apud* CIRIBELI e PAIVA, 2011).

Esse *ranking* é liderado, atualmente, pelo Facebook, criado em 2006 pelo ex-estudante de Harvard Mark Zuckerberg e tem se destacado, dentre outros casos, pelas possibilidades pedagógicas aliadas ao uso de suas ferramentas. Professores de diversas áreas, do Ensino Fundamental ao Superior, vêm desenvolvendo propostas de uso das TIC através do site, isso porque a rede social possui potencialidades que facilmente se adequam ao processo de ensino, constituindo-se em uma alternativa de fácil execução e, principalmente, porque professores e alunos a utilizam para fins pessoais e ainda podem estar em conexão constante, graças às tecnologias móveis.

As práticas exitosas aqui apresentadas demonstram que experiências educacionais que se utilizam de rede sociais podem diminuir a distância entre aquilo que o aluno aprende na escola e suas práticas sociais em rede, desde que haja planejamento e se definam determinados critérios. De tal forma, é possível alcançar resultados proveitosos, pois se constitui em uma alternativa de fácil execução, presente na rotina social de professores e alunos, o que garante maior participação e adesão entre os envolvidos. Ainda, por sua capacidade de convergência de variadas mídias, o Facebook proporciona ao professor inúmeras ferramentas didáticas, que podem ser utilizadas como recurso pedagógico auxiliar ao trabalho em sala de aula.

Propõe-se com esse estudo que se reflita sobre as inúmeras possibilidades que o docente tem à sua disposição, pois ele poderá, dentre outras situações, levar as discussões e processos de interação ocorridos em sala de aula para outros espaços e tempos, promovendo novas interações e discussões. Além disso, ao estabelecer novos espaços de avaliação ele poderá aproveitar melhor o tempo em sala de aula com outras atividades, otimizando o processo de ensino e aprendizagem.

2 REDES SOCIAIS E EDUCAÇÃO: CONECTANDO A ESCOLA AO MUNDO DO ALUNO

“Há alguns anos se questiona a percepção comum de ensino presencial como única e ‘verdadeira’ possibilidade formativa diante da ‘substituição’ representada pelas atividades em rede” (PIREDDU, 2008, p. 176¹). Questiona-se, por exemplo, se o aprendizado online pode ser considerado um aprendizado eficaz, esquecendo-se de se questionar se o mesmo vale para o aprendizado tradicional. Seria suficiente estar presente para que o aprendizado se faça eficaz? Pireddu questiona se não seria o caso de se perguntar se um determinado sistema educativo seria responsável, mais que outros, pela passividade dos alunos. Ainda, questiona se é possível pensar em outras formas de aprendizado ou pensá-lo como comunicação, como tornar comum, como mediação e remediação, como forma de relação entre as pessoas.

A reflexão de Mário Pireddu é muito pertinente quando se trata de pensar nos avanços e retrocessos que a educação tem vivenciado ao longo da história. Faz-se necessário pensar nos contextos formativos, em como a educação se faz em sua prática, para que assim seja possível refletir sobre o futuro das instituições educativas, se este será mais funcional, melhor que o passado, ou se continuará a reproduzir mais do mesmo.

Conforme Schneider (2013), a escola não pode estar passiva diante das mudanças sociais e comunicacionais de seus alunos, mas deve buscar incentivar atividades que promovam o desenvolvimento de novas competências, como criatividade, colaboração e autonomia cognitiva. Aos gestores de ensino, é preciso investir na formação docente voltada para o trabalho com as tecnologias de forma a oferecer aos alunos a pesquisa e a colaboração como estratégias para a construção de conhecimento. Conforme o autor, isso é conectar a escola com o ciberespaço, extrapolando as fronteiras do ato de aprender, sem necessidade de tempo nem de espaços pré-estabelecidos.

A Escola, na sua configuração tradicional, tem dificuldade de desenvolver essas competências nos aprendizes, devido, principalmente, ao modelo pedagógico vigente, o qual se baseia na transmissão do saber e no individualismo. Enquanto a máxima atualmente é colaborar para competir com qualidade no mercado globalizado, a Educação ainda prima por ensinar a competir por competir, numa lógica ganhar-perder, quando deveria ser ganhar-ganhar; ou seja, um sistema onde só faça sentido quando todos ganham (SCHNEIDER, 2013, p. 91).

Na perspectiva de conexão da escola com as mais recentes estruturas sociocomunicativas, destaca-se a necessidade de conciliar as práticas de aprendizagem

¹ Grifos do autor

desenvolvidas nos espaços escolares com as inúmeras possibilidades de aprender a partir do ciberespaço, principalmente através das redes sociais. Isso porque, conforme Pinto et al. (2012), as redes sociais são estruturas de convívio estabelecidas a partir de relações de amizade, de trabalho ou de quaisquer outros interesses, situações que existem desde as primeiras relações sociais na história da humanidade: o homem busca, constantemente, estabelecer relações de afetividade, afinidade, pertencimento, interação e participação. O estudo da sociedade segundo o conceito de redes vem fomentando pesquisas nas ciências desde o século XX, a princípio por matemáticos e em seguida pelos ramos das Ciências Sociais (PINTO et al., 2012, p. 86). Recuero (2009) aponta os trabalhos de Ithiel Pool e Manfred Kochen como alguns dos primeiros a apresentarem dados acerca das redes sociais, em 1978. Conforme Wellman apud Recuero (2009, p. 93), sempre existiram redes sociais complexas, “mas os desenvolvimentos tecnológicos recentes permitiram sua emergência como uma forma dominante de organização social. Como uma rede de computadores conecta máquinas, uma rede social conecta pessoas”.

Redes são estruturas abertas, com capacidade de expansão sem limites e que integram cada novo nó de maneira que passe a dividir os mesmos códigos de comunicação que os demais. Isso não quer dizer que todos desempenhem a mesma função, pois, segundo Castells (1999), a morfologia de redes determina as relações de poder, sendo que os nós mais fortes assumem características privilegiadas, capazes de acionar os interruptores.

As redes sociais instauram uma forma comunicativa feita de fluxos e de troca de informações “de todos para todos”. Em função da quantidade ilimitada de informações que podem ser veiculadas na rede, a temporalidade também é distinta, praticamente em tempo real, resultando instantâneas todas as formas de comunicação na web (DI FELICE, 2008, p. 53).

As redes configuram-se como um conjunto de nós, interconectados, formados por estruturas não lineares, flexíveis, dinâmicas, compostas de organizações formais ou informais. Tais nós são representados por indivíduos ou grupos de indivíduos, os quais detêm as informações. Assim, quanto mais conexões um nó consegue promover, mais forte ele se torna. Recuero (2009) confirma a importância dos nós (ou nodos) da rede para o processo de interação, definindo-os como cerne das redes sociais.

O grande diferencial dos sites de redes sociais de outras formas comunicativas mediadas por computador é a visibilidade que elas proporcionam aos usuários, além de permitir-lhes articular e desenvolver suas próprias redes, afirmam Pinto et al. (2012). Os

autores ressaltam que o mais importante numa rede é o seu poder de promover relacionamentos e quanto mais pessoas e conexões gerar, mais valiosa será.

As redes possibilitam a comunicação, a interação e a colaboração, fatores relacionados às mais pertinentes teorias de aprendizagem, motivo pelo qual pesquisadores têm se interessado pelo tema, destacando a facilidade na formação de grupos entre estudantes e professores, na interação e compartilhamento de informações entre eles (PINTO et al., 2012).

Schneider (2013, p. 91) aponta para o valor da aprendizagem em rede quando afirma que “aprender é incorporar novas informações à rede semântica existente, conferindo-lhe significado”, alertando que nem sempre a aprendizagem vá ocorrer a partir de novas informações que se agregam como nós na rede do conhecimento teórico, mas afirma que aprender também parte da reformulação dessa rede, quando se corrigem os significados já existentes ou se agregam novas conexões entre os nós, a partir da interligação entre conceitos.

3 CONECTIVIDADE E CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

A sociedade atual é caracterizada por Castells (1999) como Sociedade em Rede pela interconexão entre os indivíduos e, a partir das trocas entre eles, também pela construção e expansão do conhecimento, potencializadas pelas tecnologias. Diferente dos modelos teóricos educacionais anteriores, que primavam pela memorização e armazenamento de conhecimentos consolidados em livros e enciclopédias, os processos cognitivos atuais baseiam-se nas trocas de informações e na aprendizagem dos indivíduos a partir de conexões: um modelo mais complexo, formado por diversas fontes de conhecimento e cujo núcleo de interesses muda constantemente (RENÓ, VERSUTI e RENÓ, 2012).

Segundo Siemens (2004), o aprendizado é um processo que pode ocorrer em qualquer ambiente, até mesmo fora do indivíduo, a partir da conexão entre conjuntos de informação. Nesse caso, são as conexões que nos permitem aprender a aprender e se tornam, assim, elementos de grande importância para o processo de aprendizagem contínua. O conectivismo, teoria apresentada por George Siemens em 2004, diz respeito à inclusão da tecnologia nos processos cognitivos do indivíduo e está fortemente ligado ao uso de recursos da Web 2.0, pois parte do princípio da produção de informações por quaisquer usuários, formando um fluxo contínuo e constituindo a aprendizagem individual (RENÓ, VERSUTI e RENÓ, 2012).

É importante salientar que, sem as possibilidades promovidas e potencializadas pela Web 2.0, na qual, de consumidores de conhecimento passamos a coprodutores, não seria possível estabelecer conexões e adaptar aquilo que vemos, ouvimos e compartilhamos às nossas necessidades e ao contexto no qual estamos inseridos, afirma Siemens (2004). Além da autoria, considera-se a leitura e remixagem dos conteúdos por parte do usuário, num processo contínuo de leitura, produção e recriação que alimenta a Web e lhe rendeu o termo “*Read and Write Web*” (MATTAR, 2013, p. 21).

Mattar (idem) considera essa característica de leitura e produção de conteúdo como a de maior significado para a educação, porque permite repensar a figura do aluno passivo e promove protagonismo no processo cognitivo. Se as escolhas estão baseadas naquilo que é significativo, é fundamental incentivar o interesse da leitura e produção a partir de atividades pedagógicas aliadas a conteúdos e ferramentas de uso comum ao cotidiano do aluno.

Dentro dessa perspectiva, as redes sociais vêm ganhando destaque, com diversas experiências já consolidadas discutidas por pesquisadores como Pinto et al. (2012), que apresentam situações, no Brasil e fora dele, em que as redes sociais foram utilizadas para fins educacionais e cujos resultados reafirmam a efetividade da prática, evidenciando a necessidade de se estabelecer uma metodologia que alie o uso de sites de redes sociais ao processo de ensino e aprendizagem como prática comum na educação. Dentre os resultados discutidos pelos autores, destacam-se (PINTO et al., 2012):

- Os sites de redes sociais podem ser utilizados efetivamente para desenvolver uma cultura de aprendizagem, com grande potencial para expandir o ensino além das salas de aula;
- A necessidade de haver um novo modelo de educação baseado em redes sociais que permitam que pessoas aprendam enquanto socializam;
- As redes sociais servem como um meio de comunicação além da sala de aula, por serem efetivamente significativas para os estudantes;
- As redes sociais oferecem aplicações inovadoras e interativas que engajam os envolvidos e incentivam a participação, a busca por informações e a conexão, modificando assim a forma como as pessoas se comunicam;
- Permitem a colaboração e coordenação entre os membros de maneira eficiente e efetiva.

Como ressalvas, os autores citam os cuidados com a privacidade ao se incorporar ferramentas de redes sociais ao ambiente formal de educação, cabendo ao professor

estabelecer, desde o início, algumas regras e critérios de participação, a fim de que todos interajam da melhor forma possível.

Diante de resultados tão expressivos, compreende-se porque tantas empresas têm aderido e explorado tais potencialidades, incorporando-as aos seus produtos, tornando-os mais atrativos aos clientes. Outro fator recorrente é a integração entre os principais sites de redes, através de ferramentas e *links* que permitem ao usuário “curtir” ou compartilhar elementos entre as redes das quais faz parte, destacam Pinto et al. (2012).

Além disso, é importante que se atente para o contexto de cada escola e das práticas docentes nelas desenvolvidas. Renó, Versuti e Renó (2012), discutem a expansão dos conteúdos digitais até as salas de aula e a necessidade de mudança no perfil docente para que as estratégias sejam, de fato, inseridas. Os autores questionam se salas de aula estão preparadas, em termos de infraestrutura e conexão, para que tais práticas sejam efetivamente realizadas e, principalmente, se o docente é conhecedor e também usuário de ambientes digitais e redes sociais, a fim de que possa fazer deles bom uso pedagogicamente. Embora venha crescendo o número de professores que utilizam as redes sociais e conteúdos digitais para fins pessoais, o ideal, segundo os autores, é que esse crescimento seja também efetivado nas salas de aula e nas academias.

Quando se adapta e manipula certo recurso, didático ou não, adequando-o ao contexto de aprendizagem, promove-se uma “flexibilização das configurações de ensino e aprendizagem” (GESER apud AMIEL, 2012, p. 27). Nesse caso, é preciso pensar na utilização de recursos disponíveis na Internet que sejam comuns ao cotidiano de alunos e professores, como uma saída para resolver os problemas docentes relacionados ao domínio de *softwares* e recursos mais avançados. Quando se leva em consideração o crescimento e aperfeiçoamento das redes sociais, tem-se uma alternativa que pode atender a essas necessidades.

No contexto de flexibilização da aprendizagem, salienta-se o que Ellington apud Santos (2006) chama de aprendizagem flexível, que diz respeito ao uso de alternativas e meios diversos que, inicialmente, não foram pensados para fins educacionais, mas que visa oferecer educação para todos a partir de técnicas e metodologias inovadoras em ensino e aprendizagem, oferecendo ao estudante maior participação e autonomia no processo. Para Amiel (2012), as práticas pedagógicas e os recursos utilizados no processo de aprendizagem podem partir de novos ambientes, tornando-os aptos à prática educativa. Nesse caso, o professor tem à sua disposição uma diversidade de ambientes que não foram pensados para a

educação e sim para trocas sociais interativas, como os sites de redes sociais, podendo adaptá-los e utilizá-los em suas aulas, como recursos didáticos e/ou ferramentas de aprendizagem a distância.

Para Amiel (2012), todas as tecnologias da educação se constituem como formas de aprendizagem flexível, pois permitem ao aluno desde a flexibilidade quanto ao tempo e espaço de aprendizagem até a escolha do que estudar, desde que respeitando o currículo proposto pelo programa. Saber utilizá-las da melhor forma, atendendo às especificidades de sua turma e ao contexto adequado, explorando todo o potencial possível, é possuir uma valiosa competência: a criatividade. Sobre ela, Schneider discorre:

A criatividade pode ser definida como a capacidade de combinar. Assim, para se combinar com destreza é preciso ter o que combinar – ou seja, nós de informação – e ter a aptidão de juntar coisas na rede semântica que façam sentido. Nesse mundo onde a prestação de serviços passou a ser um importante meio de trabalho e renda, muitas vezes um simples melhoramento em coisas que já existem é suficiente para torná-las atraentes. Por exemplo, entrega a domicilio, customização de produtos e informações, uma simples repaginação em produtos etc. (SCHNEIDER, 2013, p. 96)

O que se propõe com a utilização dos sites de redes sociais no processo de aprendizagem é a utilização da tecnologia em um contexto efetivo de uso, diferentemente dos resultados que se tem visto a partir da inserção dos programas educacionais em vigor na educação pública: capacitações docentes infrutíferas; atividades propostas que não atendem às necessidades reais dos docentes e alunos, motivo pelo qual muitos laboratórios de tecnologia nas escolas se encontram fechados e sem utilização eficaz; *laptops* e *tablets* entregues aos alunos, com grande investimento do governo federal, mas o professor não sabe o que fazer com tais recursos e estes, por si só, não promovem aprendizagem (GATTI, 2011).

4 O FACEBOOK HORIZONTALIZANDO AS RELAÇÕES ENTRE PROFESSOR E ALUNO

Para alguns pesquisadores que se debruçam sobre o uso das redes sociais na educação, como o professor João Mattar (2013), por exemplo, o interesse versa sobre a forma como professores e alunos ensinam e aprendem, de maneira formal ou não, a partir destes e em como as redes sociais podem ser utilizadas na formação do professor. Dentro dessa perspectiva, os sites de redes sociais vêm sendo utilizados no lugar de Ambientes Virtuais de

Aprendizagem (AVA) ou Learning Management Systems (LMS) ou em colaboração com eles (MATTAR, 2013, p. 29). Pinto et al (2012) propõe a integração entre sites de redes sociais e Sistemas de Aprendizagem tais como o Moodle, por exemplo, com o objetivo de estimular a participação do estudante nas propostas de ensino:

Assim, por um lado, os professores podem comunicar aos alunos sobre provas, entrega de trabalhos, exercícios ou mesmo eventos que ocorram em suas instituições, como palestras e conferências, além de poderem estimulá-los a discutirem sobre assuntos relevantes à disciplina; por outro, os alunos têm a possibilidade de usar um ambiente que eles acessam frequentemente para ficarem bem informados sobre o que está acontecendo em seus cursos, liderarem e/ou se engajarem em discussões importantes, compartilharem recursos (arquivos, fotos, vídeos) e colaborarem uns com os outros (PINTO et. al., 2012, p. 100).

Os autores esperam, principalmente, com a proposta de integração, incentivar não apenas a participação dos alunos, uma vez que estarão utilizando ferramentas que gostam e/ou utilizam com frequência e com as quais já possui certa familiaridade, como também a colaboração e comunicação entre todos os envolvidos, possibilitando a construção do conhecimento de forma horizontal, clara e efetiva.

Os estudos de Pinto et al. (2012) constataam inúmero benefícios que o uso dos sites de redes sociais pode trazer para a educação a partir das categorias: participação: por fazer parte de seu cotidiano, o uso das redes sociais motiva a participação dos alunos; colaboração: as trocas interativas facilitam a construção do conhecimento de forma colaborativa; mobilidade: aparelhos móveis como celulares, *tablets*, *smartphones*, *i-pads*, etc, contam com aplicativos dos sites de redes sociais, o que lhes permite acesso em qualquer lugar: em casa, no trabalho e em sala de aula; comunidade: facilita as vias de comunicação escola-família, oferecendo aos pais o acesso às informações sobre aulas, calendário, notas e demais atividades realizadas pelos filhos; comunicação: amplia as formas de comunicação entre toda a comunidade escolar: pais, professores, gestores e demais funcionários (PINTO et al., 2012).

Marcon, Machado e Carvalho (2012, p. 2), compreendem o Facebook como parte de uma arquitetura pedagógica, o que torna imperativo ao docente da sociedade do conhecimento estabelecer processos educativos que analisem, avaliem e participem da nova lógica comunicacional e interativa proporcionadas pela web 2.0, “estimulando e compreendendo as características inerentes das redes: a participação, a interatividade, a comunicação, a autonomia, a cooperação, o compartilhamento, a multidirecionalidade”.

Conforme pesquisa em andamento para a dissertação de mestrado, o marco temporal das pesquisas realizadas e defendidas no âmbito nacional relacionadas às redes sociais online

na educação é o ano de 2005, porém, é a partir de 2012 que o Facebook é eleito como campo empírico, seis anos após sua criação, com o total de pesquisas crescendo vertiginosamente, sob as mais variadas perspectivas. Dentre as categorias de análise relacionadas a ele, a colaboração e a interatividade são as mais recorrentes, reafirmando o papel positivo na mudança de paradigmas em relação ao seu uso em sala de aula, como ferramenta tecnológica de interação e construção de novos processos de ensino e aprendizagem. Apesar desse crescente interesse sobre uso do Facebook, ainda há muita relutância por parte dos docentes em utilizar a ferramenta, apesar de uma porcentagem significativa de alunos usando ou querendo usá-la.

Conforme Mattar (2013), o Facebook já ocupa um espaço importante no processo educacional e comprovam que o fato de um professor possuir perfil na rede gera maior motivação, afeição, interesse e maior credibilidade por parte dos alunos, passo importante para a construção do vínculo. Quando o professor, além de possuir perfil na rede também posta frequentemente mensagens interessantes contendo imagens, textos, charges, vídeos etc., de acordo com aquilo que vem tratando em sua disciplina, o número de alunos que se mostrarão mais interessados em sua aula sobe ainda mais. Mattar apresenta diversas situações de pesquisas realizadas a partir de propostas semelhantes e com resultados bastante positivos, tanto no Brasil quanto no exterior.

Um exemplo é o Proyecto Facebook², realizado em 2009 pela Universidade de Buenos Aires, que objetivou construir um ambiente colaborativo e aberto na educação. O projeto pode ser conhecido a partir da obra “El Proyecto Facebook y la posuniversidad. Sistemas operativos sociales y entornos abiertos de aprendizaje”, organizada por Alejandro Piscitelli, Iván Adaime, Inés Binder em 2010, onde são descritas toda a metodologia, funcionamento e resultados acerca da proposta, que ainda não tem uma contrapartida aqui no Brasil. Na introdução da obra, seus organizadores afirmam que

[...] El Proyecto Facebook al crear nuevas categorías profesionales en la relación con los alumnos (líderes de proyectos, integradores, documentalistas, visualizadores), al descentralizar la toma de decisión sobre el diseño de los proyectos, al tutorizar los intercambios con los alumnos, al anteponer el prefijo (no) a alumnos y profesores, más como intento de interrumpir un statu quo cognitivo adocenado que como buena caracterización de la reinención em curso, logró (temporalmente) abolir diferencias etarias, cognitivas y meritocráticas asociadas al monopolio textual (PISCITELLI, ADAIME e BINDER, 2010, p. XIX).

² www.proyectofacebook.com.ar

A horizontalidade nas relações entre aluno e professor, determinadas descentralização do poder docente na tomada de decisões, é fundamental para que ocorra uma aprendizagem mais efetiva, renovadora, livre de barreiras etárias, cognitivas e meritocráticas. No espaço em rede, com a participação de todos, não há segregação, mas todos estão envolvidos na consolidação de uma tarefa, na obtenção de um objetivo comum. Para isso, é importante que o professor se torne, ele mesmo, usuário das ferramentas disponíveis nas redes sociais, explorando ao máximo suas potencialidades, participando de grupos, especialmente aqueles voltados para as práticas de ensino, afinal, a participação é o primeiro passo para essa apropriação, pois nunca se poderá utilizar com precisão uma ferramenta que não se conhece.

Mattar (2013, p. 35), baseado em Gagné (1906-2002), apresenta uma lista de instruções a serem desempenhadas pelo docente em suas práticas pedagógicas, as quais podem ser perfeitamente realizadas dentro da arquitetura do Facebook:

1. Ganhar a atenção dos alunos;
2. Informar os objetivos da disciplina;
3. Estimular os conhecimentos anteriores;
4. Apresentar materiais de estímulo;
5. Fornecer orientações;
6. Fornecer feedback;
7. Avaliar e estimular o desempenho;
8. Promover a resiliência;
9. Aumentar a capacidade de retenção de conhecimentos.

Renó, Versuti e Renó (2012) descrevem as experiências da Universidade Federal de Ouro Preto, que utiliza o Facebook de uma forma prática e didática: os alunos criaram um grupo onde participam alunos e professores, para a promoção de debates sobre temas relacionados às aulas, postagem de dúvidas, divulgação de textos e afins. A adesão foi tão positiva que o site de rede social se transformou em espaço para reuniões virtuais entre integrantes de um evento da própria Instituição, com todos os critérios estabelecidos, inclusive de prestação de conta aberta no ambiente. Estudantes aprovam e buscam, cada vez mais, meios de convergir as formas comunicacionais online nos processos de aprendizagem formal e os professores, por sua vez, podem e devem explorar esse potencial, uma vez que os estudantes já integram e dominam esses espaços comunicativos com desenvoltura. Assim, é possível estabelecer uma relação horizontal, onde todos aprendem com todos, mas com respeito e diretrizes éticas.

Nem tudo é positivo, porém. Os resultados apontam para algumas limitações do Facebook, tais como excesso de comentários soltos e dissociados da proposta, o que dificulta a visualização e acompanhamento das informações importantes. Mattar (2013) critica a falta de um sistema que filtre, organize e classifique as informações importantes, a partir de determinados objetivos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões aqui levantadas fundamentam a utilização das redes sociais no contexto educativo por compreender a necessidade da escola em acompanhar a evolução que transformou as formas comunicativas e sociais entre as pessoas, envidando esforços para garantir a participação e interação do aluno em seu processo de construção do conhecimento.

Partindo da perspectiva de que as escolas já estão conectadas, mesmo à revelia por parte de gestores e alguns professores, através dos celulares, *tablets* e *smartphones* de seu alunado, é imperativo que se explorem as inúmeras possibilidades que a interação em rede permite. Embora alguns professores já fazem uso dos benefícios do ciberespaço, uma boa parcela ainda se mostra resistente, principalmente por não saber como desenvolver aprendizagem em meio digital. Resultado: continuam reproduzindo metodologias ultrapassadas, que não atraem os alunos ditos nativos digitais e mantêm a escola distante de suas vivências sociais.

A proposta de que um dos mais acessados sites de rede sociais, o Facebook, seja incorporado como ambiente de interação e comunicação pedagógicos se dá por sua arquitetura atraente, com ferramentas que permitem desenvolver diversas atividades e instigam a participação, protagonismo, colaboração e horizontalização das relações entre professores e alunos. Isso não quer dizer que o papel docente seja dispensável, ao contrário, a partir das experiências efetivadas nas pesquisas, fica evidente a importância do papel do professor, pois ele será o guia e mediador do processo de construção do conhecimento, oferecendo o norte para que o desempenho do discente.

Incorporar o uso das TIC e das redes sociais nas práticas cotidianas é um processo que deve ser natural, pois estamos inseridos numa sociedade tecnológica. Toda tecnologia demanda adaptação; a apropriação do quadro (negro, verde, branco) ou do giz ou da caneta não ocorreu harmoniosamente; professores precisaram aprender a manuseá-los e a lidar de modo diferente com o ensino, sem que para isso tivesse que deixar de lado todo o seu

conhecimento anterior. Afinal, novas ferramentas de ensinar e aprender não significam ruptura com o que já está consolidado, mas requerem flexibilidade e criatividade, qualidades que podem fazer toda a diferença na educação.

Artigo submetido em março de 2014 e aceito para publicação em abril de 2014

POTENTIAL USE OF SOCIAL NETWORKING SITES IN THE PROCESS OF TEACHING AND LEARNING

Abstract

This article discusses the use of online social networking practices of classroom teaching, whose tender part of ongoing research for a dissertation of Postgraduate Education, Federal University of Sergipe, entitled "Virtual social networks in education program: potential and challenges of Facebook in the teaching and learning process". The outline presented here discusses the need to be connected to the school experiences of its students, briefly discusses the configuration of social networks and the characteristics inherent to them to promote their use in school spaces, from the perspectives of some researchers who have been addressing the issue. We analyze the possibilities of social network Facebook as support, assessment, and learning tool as well as the challenges to overcome for effective consolidation from projects and proposals already developed, especially when it directs a second look at the prospects of access and infrastructure of school spaces.

Keywords : Education. Social networks. Facebook. Teaching and Learning.

REFERÊNCIAS

AMIEL, Tel. Educação Aberta: Configurando ambientes, práticas e recursos educacionais. In: **REA: Práticas colaborativas e políticas públicas**. Santana, B., Rossini, C., Pretto, N. L. (org.) São Paulo: Casa da Cultura Digital; Salvador: Edufba. 2012, 1ª ed., 1ª imp.

BRANDÃO, Z. **A intelligentsia educacional** - um percurso com Paschoal Lemme por entre as memórias e as histórias da Escola Nova no Brasil. Bragança Paulista: IFAN-CDAPH. Editora da Universidade São Francisco/EDUFS, 1999.

CASTELLS, M. **Sociedade em Rede**. Tradução: Roneide Venâncio Majer; 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CIRIBELI, João Paulo; PAIVA, Vítor Hugo Pereira. Redes e mídias sociais na internet: realidades e perspectivas de um mundo conectado. **Revista Mediação**, Belo Horizonte, v. 13, jan/jun 2011.

FELICE, Massimo Di (org.) Das tecnologias da democracia para as tecnologias da colaboração. **Do público para as redes**: a comunicação digital e as novas formas de participação social. 1 ed. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2008. (Coleção Era Digital; v. 1)

GATTI, Bernadete Angelina, BARRETO, Elba Siqueira de Sá, ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazzo. **Políticas docentes no Brasil**: um estado da arte. Brasília: UNESCO, 2011.

KERCKHOVE, Derrick De. Da democracia à ciberdemocracia. FELICE, Massimo Di (org.) **Do público para as redes**: a comunicação digital e as novas formas de participação social. 1 ed. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2008. (Coleção Era Digital; v. 1)

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. – São Paulo: Ed. 34, 1999.

MARCON, K.; MACHADO, J. B.; CARVALHO, M. J. S. Arquiteturas pedagógicas e redes sociais: uma experiência no Facebook. In: *Anais do XVIII Congresso Brasileiro de Informática na Educação*: Rio de Janeiro, RJ, nov. 2012.

MATTAR, J. **Web 2.0 e redes sociais na educação**. São Paulo: Artesanato Educacional, 2013.

MCLUHAN, Marshall. **A galáxia de Gutenberg**; a formação do homem tipográfico. Tradução: Leônidas Gontijo de Carvalho e Anísio Teixeira. São Paulo-SP: Editora Nacional, Editora da USP, 1972. (Cultura, sociedade, educação, v. 19).

MACHLUP, Fritz. **The Production and Distribution of Knowledge in the United States**. Princeton: Princeton University Press, 1962.

PINTO, S. C. C. S. et al. Redes Sociais: impactos, desafios e pesquisas no cenário educacional. In: SCHNEIDER, H. N.; LACKS, S. (org.). **Educação no século XXI**: desafios e perspectivas. São Cristóvão: Editora UFS, 2012.

PIREDDU, Mario. Do fornecimento à participação. O aprendizado entre modelos teóricos e tecnologias. In: FELICE, Massimo Di (org.) **Do público para as redes**: a comunicação digital e as novas formas de participação social. 1 ed. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2008. (Coleção Era Digital; v. 1).

PISCITELLI, A., ADAIME, I., BINDER, I (compiladores). **El Proyecto Facebook y la posuniversidad**: sistemas operativos sociales y entornos abiertos de aprendizaje. Fundação Telefônica; Ariel, 2010

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RENÓ, D. P., VERSUTI, A., RENÓ, L. T. L. Transmediação e conectivismo: contemporaneidade para a educação. In: LINHARES, R. N., LUCENA, S. VERSUTI, A. (org.) **As redes sociais e seu impacto na cultura e na educação do século XXI**. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

SANTAELLA, Lucia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre. nº 22, dezembro, 2003.

SANTOS. A. I. Recursos Educacionais Abertos: Novas Perspectivas para a Inclusão Educacional Superior via EAD. In: Santos, A.I. (Org.). **Perspectivas Internacionais em Ensino e Aprendizagem On-line: Debates, Tendências e Experiências**. São Paulo: Libra Três. p. 35-51.2006.

SCHNEIDER, H. N. A educação na contemporaneidade: flexibilidade, comunicação e colaboração. In: **Int. J. Knowl. Eng. Manage**, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 86-104 , mar./maio, 2013.

SIEMENS, G. **Conectivismo: Uma Teoria de Aprendizagem para a Idade Digital**. Trad. Bruno Leite, 2004. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/66317606/Conectivismo-uma-Teoria-Para-a-Era-Digital>. Acessado em: 04.02.2014.